

LIVROS RECENTES E DEBATES CONTEMPORÂNEOS*

Comentário Crítico pelo Editor

She's a Boy: The Shocking True Story of Joe Holliday

Joe Holliday e Louise Chapman

Thistle Publishing, 1 Julho 2015

330 pp.

Full Circle: A Father's Journey with a Transgender Child

Derry Rundlet, Nicole Rundlett

aBASK Publishing, 24 Julho 2015

216 pp.

O Eterno Retorno do Género: Família e Transexualidade

O imperador romano Heliogábalo foi ‘uma mulher para todos os homens e um homem para todas as mulheres’. Assim o definiu o britânico John Stuart Hay, num livro do início do século 20, considerando Heliogábalo o antípoda do cristianismo como, na opinião de Hay, uma ideologia antissexual que conquistou Roma e dominou o mundo ocidental¹. Heliogábalo casou-se, em pouco tempo, com cinco mulheres, mas a sua relação mais conhecida foi com Hierócles, um atlético escravo

1 John Stuart Hay. *The Amazing Emperor Heliogabalus*. Macmillan and Cp., Limited St.Martin's Street, London. 1911. Bibliolife (facsimile) 2009. p.238.

* Ensaios de revisão acerca de livros publicados durante o mesmo semestre, ou no final do semestre anterior da edição de cada número de *Interações*.

louro que dirigia quadrigas nos jogos do Coliseu romano. Heliogábalo, que frequentemente andava vestido com roupas de mulher, chamava Hiérocles de ‘marido’, tendo libertado o escravo e tentado mesmo fazer com que fosse eleito, pelo Senado como co-César juntamente com Heliogábalo que se tornou imperador com cerca de quinze anos.

A questão é que Heliogábalo transitou do tema da homossexualidade e bissexualidade na Roma imperial, frequentemente associado a figuras como Calígula e Nero, para, propriamente, o campo da transexualidade. Muitos romanos consideravam que a origem oriental de Heliogabalo era a razão do choque cultural que ele representou. O jovem imperador era oriundo de um estado vassalo do império romano, a cidade de Emesa, a atual Homs na Síria, pertencendo à dinastia de sumo-sacerdotes reinantes de Emesa que cultuavam o deus-sol Elagabalus, na forma latinizada, materializado no culto de uma pedra negra, provavelmente um meteorito como na Caaba de Meca. O meteorito de Emesa tinha uma forma fálica. Heliogabaus transportou o meteorito fálico para Roma e transformou o culto de Elagabalus num culto imperial, em profundo contraste com a religião do estado romano, centrada, em particular, na sóbria tríade capitolina. Uma das heterodoxias de Heliogábalo é que ele se casou com uma virgem Vestal, o que era particularmente transgressivo da religião romana. Mas, ao contrário do que aconteceu na relação com Hierócles, outro oriental nascido na Caria, na Ásia Menor, os casamentos de Heliogábalo com mulheres foram, em particular, rituais sensacionalistas, como o casamento mitológico de um deus com uma deusa. Heliogábalo acabou assassinado, aos dezoito anos, sendo o corpo despedaçado, arrastado pelas ruas de Roma e atirado às águas do Tibre, em 222 d.C.

O tema da transexualidade em Roma está também ligado a uma outra situação de importação de cultos orientais, o culto da Grande Deusa, com origem na Frígia, também, como a Cária, uma subregião da Ásia Menor, na atual Turquia. Os sacerdotes frígios eram eunucos que se castravam para o culto da deusa. Mary Beard refere que, na legislação romana, pelo menos depois de Adriano, a castração, voluntária ou forçada, era estritamente proibida, com exceção, precisamente, dos sacerdotes frígios. Assim, o autor do século I d.C. Valerius Maximus, segundo Mary Beard, descreve a situação de um sacerdote eunuco da Grande Deusa ter recebido uma herança em Roma, mas o magistrado negou a admissibilidade do sacerdote à herança, porque

o eunuco ‘não era homem, nem mulher’. A estrita definição de género era essencial para a lei e a religião romanas².

Um argumento de referência do movimento homossexual, atualmente, é que sempre existiram homossexuais e sempre existiram lésbicas, como identidades reprimidas. Mas é necessário compreender que a transexualidade, além de ter sido reprimida ao longo da história, como os exemplos romanos demonstram, representa hoje, de certa forma, o regresso do reprimido na história dos próprios movimentos de emancipação de gays e lésbicas, porque, durante muito tempo, os transexuais foram, em larga medida, exotizados e não tinham voz própria, no quadro mais vasto do movimento de emancipação homossexual. Hoje, o conceito LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) é explicitamente inclusivo da diferença transexual, mas também porque os transexuais lideram uma nova dinâmica para a representação da sua identidade pelos próprios transexuais e não através da narrativa gay e lésbica.

Um aspeto central da teoria do género é que o género é uma construção culturalmente produzida, no sentido em que as identidades de ‘homem’ e ‘mulher’ não são puras derivações biológicas, mas variam com a cultura e a época histórica. A ideia de que as pessoas ‘nascem’ mulher ou homem é considerada, nesta perspetiva, uma naturalização ao serviço das hierarquias de desigualdade de género, para promover a supremacia do masculino em relação ao feminino. De igual modo, a heterossexualidade representada como uma realidade da natureza serve, em particular, para legitimar a supremacia do homem heterossexual como o expoente da sexualidade humana. Um outro componente fundamental deste cânone teórico refere que o género é também metamórfico, no sentido em que a identidade de género está em permanente transformação na mesma pessoa, como é o caso da transformação do género com a idade, o que é, igualmente, um processo de construção cultural.

É interessante, porém, que a identidade transexual subverte estas convenções da teoria. A transexualidade não representa apenas uma mudança no género, mas uma mudança ou transitividade de género, conforme a pessoa transexual muda de um género para outro, ou mantém os dois, transitando permanentemente entre ambos. Por isso, é importante compreender a diferença entre identidade transexual e identidade transgénero, no sentido em que ambas referem transversalidade e metamorfose. A condição transgénero é, por exemplo, a situação de homossexuais masculinos

2 Mary Beard, *The Roman and the Foreign: The Cult of the “Great Mother” in Imperial Rome. Shamanism, History, and the State*. Editado por Nicholas Tomas e Carlone Humphrey. The University of Michigan Press, 1996. pp.164-190.

que são homens não efeminados, mas sexualmente dizem que se sentem a mulher de outro homem. Outra situação bastante expressiva são os casais com um casamento heterossexual entre um homem e uma mulher, mas intermitentemente o marido – ou seja, aquele que é o ‘homem’ no registo de casamento – pode se sentir mulher e a mulher, de igual modo, pode sentir-se homem. Desta forma, poderão, por exemplo, sair para jantar, numa determinada ocasião, ele vestido de mulher e ela vestida de homem. Outras vezes, quando ambos se sentem mulher num mesmo momento, podem ter uma relação que emocional e sexualmente corresponde à relação entre duas lésbicas. E tratam-se, em muitos casos, de casais com filhos que são educados para compreender a diversidade sexual dos pais e a potencial diversidade da própria noção de família.

A questão da transexualidade, porém, constitui propriamente uma não-conformidade de género, no sentido em que as pessoas transexuais não se sentem identificadas com o género, ou apenas com o género que lhe foi atribuído no registo de nascimento, o que é frequentemente relacionado com questões orgânicas e neuropsicológicas, quando, em particular, género e genitália não correspondem. Esta questão é tradicionalmente patologizada como uma desordem mental com o nome de ‘disforia de género’, o que tem sido crescente objeto de crítica por parte da comunidade transexual, afirmando que transexualidade não é doença ou que, em qualquer caso, os paradigmas dominantes de normalidade e doença não servem para definir a condição transexual. Neste contexto, a expressão transgénero costuma ser utilizada, de forma ambígua e confusa, como sinónimo de transexual. Na realidade, a transversalidade transgénero pode estar presente em todo o género e em todas as opções sexuais, com diferentes formas e intensidades. A transversalidade transexual é, assim, uma condição transgénero mais específica que pode, por um lado, relativizar as fronteiras entre o masculino e o feminino, quando a pessoa transexual quer manter ambas as identidades, no corpo e na mente. Ou então, por outro lado, outros transexuais expressam uma ativa vontade de demarcação de género, quando a pessoa transexual quer deixar de ser homem para ser mulher, ou quer abandonar a identidade de homem para resgatar a condição de mulher.

Assim, repare-se que a transexualidade igualmente desafia a crítica do essencialismo e da autenticidade, no campo da teoria cultural de hoje, segundo a qual a afirmação de ‘essência’ e de ‘autenticidade’ da identidade é uma ficção para impor a supremacia da suposta ‘verdadeira’ diferença e subalternizar todas as outras. Ao contrário deste relativismo dominante na teoria, porém, o transexual que diz ‘eu

sou mulher' ou 'eu sou homem' considera que tem o direito a afirmar e recuperar o que considera a sua verdadeira identidade. Além disso, os transexuais procuram traduzir, na linguagem da sua própria experiência, transformações que se tornaram particularmente representadas, atualmente, em histórias de homens gays e mulheres lésbicas. A questão da família é preeminente nesta situação.

Na verdade, a família sempre foi a questão central, no que diz respeito ao problema da aceitação de um filho gay ou de uma filha lésbica e o modo como, tradicionalmente, os filhos e filhas escondiam da família, ao longo da vida, a sua orientação sexual. Cada vez mais, porém, a aceitação da identidade sexual dos filhos, para além do padrão heterossexual, está a tornar-se o novo normal numa cultura de valores liberais. Ou, mesmo que a família preferisse que as coisas fossem de outra maneira, sente-se também na obrigação de compreender e aceitar. Em qualquer caso, a nova questão, agora, não é apenas que homossexuais querem ser aceites pela família, mas querem criar as suas próprias famílias, com base na sua própria sexualidade. Esta mutação já ganhou, em grande medida, a sociedade num número crescente de países, com a legalização do casamento homossexual e a legislação sobre reprodução assistida de pais e mães homossexuais, juntamente com as leis de adoção. Isto inclui o facto de que, em vários países ocidentais, mesmo gays e lésbicas celibatários têm direito a adotar filhos, ou terem filhos por meio de reprodução assistida.

A comunidade transexual procura também ser parte constitutiva destas mudanças, com o reconhecimento legal da mudança de sexo e nome, casamento, direitos de reprodução e adoção. As histórias dominantes de livros, na área gay e lésbica, eram, até há alguns anos atrás, acerca do reconhecimento do homem homossexual e da mulher lésbica por si próprios e do reconhecimento do filho gay e da filha lésbica pelos pais e a comunidade. Atualmente, os temas dominantes são casamento e adoção. Em contraste, porém, a questão do reconhecimento do transexual por si próprio e do reconhecimento do filho ou filha transexual pelos pais e família ainda é dominante, no que se refere a livros sobre a experiência e a história de vida transexual. Esta diferença parece refletir o facto de que os transexuais estão agora a recuperar de um atraso, relativamente a gays e lésbicas, do ponto de vista da visibilização da questão transexual pelos próprios transexuais. Este é o caso de dois livros, publicados em Julho deste ano, de Joe Holliday, com a ajuda da jornalista Louise Chapman como co-autora, e de Darry Rundlett e Nicole Rundlett que são pai e filha.

O inglês Joe Holliday nasceu em 1988 com extrofia cloacal, o que significa que nasceu rapaz, mas sem pénis. Por isso, foi chamado de Joel e, deste modo, registado

como rapaz pelos pais, à espera de uma evolução clínica na sua situação ou diagnóstico. Com um ano de idade, porém, os médicos aconselharam a família a criar o bebé como menina e, embora registada como Joel, a criança passou a ser chamada de Joella. Ao longo dos anos, a família moveu uma luta mediática, nos jornais e televisão, a mãe em particular, para que a identidade feminina da filha fosse formalmente reconhecida pelas autoridades britânicas e acabaram por conseguir. Neste processo, contudo, um exame demonstrou que, embora sem pénis, Joella era geneticamente um homem. Enquanto, por um lado, a família se esforçava para que a filha fosse reconhecida como mulher, a própria Joella, porém, começou a se compreender como sendo homem e, a partir dos 25 anos, iniciou a sua própria luta para resgatar a sua identidade como homem. Os pais e a avó apoiaram-no, compreendendo que o erro, de princípio, não foi ter registado o bebé como rapaz, mas a incompreensão dos verdadeiros mecanismos de identidade do corpo e da mente que estavam em jogo, de modo que, em última instância, para proteger a filha acabaram por esquecer que era ela a parte fundamental no processo de decisão. Assim, Joella tornou-se Joe, um nome emblematicamente masculino no contexto anglo-americano, que constitui, aqui, uma denominação simbolicamente transitiva entre Joel e Joella. Com este nome, Joe Holliday escreveu, na primeira pessoa, o livro que conta o percurso da sua vida de rapaz a rapariga e de rapariga a rapaz outra vez.

O livro seguinte é escrito pelo advogado Derry Rundlett e pela filha Nicole Rundlett que vivem no estado americano do Maine. Na verdade, Nicole nasceu Nick e apenas aos quarenta anos resolveu assumir a sua identidade de mulher. O título do livro *Full Circle: A Father's Journey With His Transgender Child* é particularmente indicativo de que a transição transexual é uma viagem ao longo do círculo do género e uma viagem que, para ter sucesso, deve incluir a família. O livro coloca, de forma clara, duas questões centrais que são deixadas, de forma mais implícita, no livro de Joe Holliday. Trata-se, por um lado, da terapia de reatribuição sexual (em inglês, SRT, sex reassignment therapy) que inclui tratamento hormonal e também a plethora de intervenções cirúrgicas, designada de cirurgia de reatribuição sexual (em inglês, SRS, sex reassignment surgery). Esta última corresponde ao conceito popular de operação de mudança de sexo que constitui, de facto, não uma operação apenas, mas múltiplos procedimentos que variam conforme o interesse, a situação e, frequentemente, a disposição financeira, podendo incluir a transformação genital, com vaginoplastia, no caso da transição de homem para mulher, e faloplastia, no caso da transição de mulher para homem.

Mas é muito significativo o facto de que estes processos não são encarados pelos transexuais como uma reinvenção da natureza, no estilo do relativismo radical do humano biónico com que Donna Haraway influenciou o campo crítico, no final do século 20 e que, em largo sentido, continua a influenciar ³. Para os transexuais que passam por esta transição, trata-se de um resgate do que consideram a sua natureza como pessoa. Joe Holliday cresceu como Joella e foi buscar o pequeno Joel que foi um dia. Nicole Rundlett foi Nick durante quarenta anos, mas procurou trazer para a frente a Nicole que Nick escondia como o personagem de uma história que, numa festa, fica numa mesa que ninguém vê atrás de uma coluna.

A outra questão fundamental, no campo do apoio ao filho ou filha transexual pela família, é o problema do luto. A filha Nicole que nasceu como o filho Nick e a filha Joella que renasceu como o filho Joe representam também, necessariamente, a morte de um filho e de uma filha. A questão para pais, avós e irmãos não é apenas apoiarem a transição, mas a pessoa com quem se viveu e amou durante uma vida vai embora também. A mistura entre a morte e a vida que é intrínseca na vida de todos nós é, particularmente, inerente na identidade do transexual que tem de dizer adeus a quem já foi e que, de certa forma, jamais deixará de ser também. Por isso, a identidade transexual define uma experiência que é absolutamente humana. É o facto de que, quando a morte biológica acontece, as pessoas já morreram muitas vezes na sua vida. Os jovens de vinte são, hoje como no passado, a personificação do vigor da vida, mas onde estão aqueles bebés ou aquelas crianças de sete ou oito anos, ou aqueles adolescentes de quinze e dezasseis anos que eles já foram um dia? Esses bebés, essas crianças e esses adolescentes estão, certamente, nesses jovens de vinte anos, mas, ao mesmo tempo, não existem mais. E na velhice, então, quantas pessoas já partiram em nós e estão dentro de nós? É precisamente este senso de eterno retorno o sentido último das histórias destes homens e mulheres transexuais e das suas famílias que acabam por compreender, numa viagem de vida, que é apenas andando para trás que se consegue seguir em frente.

³ Donna Haraway, *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. Roudledge, 2015. Reimpressão da primeira edição de 1990.